UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSELEINE DE FÁTIMA MELLA DE JESUS

AFETIVIDADE E ALFABETIZAÇÃO
UM ELO INDISSOCIÁVEL

AMERICANA

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSELEINE DE FÁTIMA MELLA DE JESUS

AFETIVIDADE E ALFABETIZAÇÃO
UM ELO INDISSOCIÁVEL

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual da Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

J499a Jesus, Roseleine de Fátima Mella de.
Afetividade e alfabetização : um elo indissociável : memorial de formação /
Roseleine de Fátima Mella de Jesus. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-557-BFE

Dedico este trabalho
Ao meu esposo José, pelo amor e compreensão
Aos meus filhos Carolina, Izabella, Alex e Francieli
A todas as pessoas que contribuíram para a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar presente em todos os momentos da minha vida,

Ao meu esposo pelo incentivo e colaboração,

Aos meus filhos pela compreensão nesses anos de ausência,

Aos meus alunos que são a fonte de inspiração para o meu trabalho,

Às minhas colegas que compartilharam os bons e maus momentos dessa jornada,

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram na implantação de um curso como o PROESF.

*“Bons professores são mestres temporários,
professores fascinantes são mestres inesquecíveis”.*

Augusto Cury

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1. MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA E TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	9
2. A FORMAÇÃO NO MAGISTÉRIO.....	15
3. EU COMO PROFESSORA TITULAR.....	17
4. A FORMAÇÃO SUPERIOR E AS CONTRIBUIÇÕES DO PROESF	24
5. AFETIVIDADE E ALFABETIZAÇÃO: UM ELO INDISSOCIÁVEL.....	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

APRESENTAÇÃO

“Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa, ou como o sino que tine”.

I Coríntios 13.1

Início aqui a construção do memorial de formação tendo como objetivo principal deixar registrada a importância da afetividade em toda trajetória humana, do nascimento à vida adulta. Abordarei a relação existente entre a aprendizagem e as emoções, em especial no tocante a alfabetização, visto que, a afetividade é um elo fortíssimo na mediação desse processo.

A escolha desses eixos não se deu aleatoriamente, mas resulta das experiências que tive ao longo de minha infância, vida escolar, docência e vida pessoal, momento nos quais, graças a Deus, sempre pude contemplar a presença do afeto em minhas relações.

No capítulo 1 discorro sobre a minha infância e trajetória escolar, desde a primeira até a oitava série. Foram anos de riquíssimo valor, que trouxeram exemplos que serviram de base por toda minha vida. A leitura e a escrita juntamente com os laços afetivos, tiveram um papel relevante durante esse período, que foi tão significativo para mim.

Em seguida refiro-me à formação no magistério, fato que me trouxe o desejo de ensinar.

Abordo, no capítulo 3, o ingresso na prática docente, a relação professor/aluno, pais, escola, comunidade em relação ao afeto que nutre todas as relações de respeito mútuo, cooperação e eficácia no processo ensino-aprendizagem.

No capítulo 4, discorro a respeito de minha formação superior, destacando também às contribuições que o PROESF trouxe para que refletisse com maior profundidade sobre minha prática docente.

No capítulo 5 destaco os dois eixos norteadores desse memorial, afetividade e alfabetização, buscando sempre a dialética com a minha prática pedagógica.

Segundo Almeida “As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente uma interação entre pessoas. Portanto, na relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”. (ALMEIDA, 1999, p.107)

Tanto no ambiente familiar, quanto no escolar, os indivíduos trocam informações, vivenciam experiências, resolvem conflitos. Essas situações são sempre mediadas por alguma pessoa (pais, professores, colegas), nessas interações, além de adquirir novos conhecimentos, o caráter afetivo se faz presente, através da própria dinâmica em que ocorrem essas relações. Por este motivo, ao longo do trabalho, procuro explicitar a relação existente entre a afetividade e alfabetização.

1. MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA E TRAJETÓRIA ESCOLAR

“A criança se desenvolve antes e fora da instituição de educação infantil: na família, no contexto social, em toda parte onde esteja, em decorrência de fatores genéticos, ambientais, culturais e humanos”.

Vital Didonet

Nasci e cresci em Santa Bárbara d' Oeste onde moro até hoje. Quando pensei em escrever o memorial fiquei cheia de receios e dúvidas sobre o que abordar, por onde começar, mas após receber orientações fiquei mais tranqüila, porém, ainda sem definir quais seriam os eixos norteadores deste trabalho. Optei então, pelo desejo de falar sobre a minha infância e primeiros anos de escolarização, visto que são fatos significativos na minha vida, pois tive uma infância na qual recebi muitos estímulos de minha mãe, através de praticas de leitura e escrita, tais como: gibis, livros de histórias infantis, panfletos de propagandas. Ela comprava também materiais e brinquedos que incentivaram o meu avanço no processo de aquisição da linguagem oral e escrita.

Todos esses estímulos recebidos na minha infância, foram importantes para a minha formação pessoal e também profissional, pois até hoje, acredito ser de suma importância, o papel do professor que media e incentiva a aprendizagem de forma significativa, colaborando na formação integral do educando.

Sou primogênita de quatro irmãos e até os quatro anos fui filha única. Minha mãe, segundo os médicos, deveria evitar uma nova gravidez, devido complicações que sofreu no meu parto. Graças a Deus ela superou os problemas e hoje tenho dois irmãos e uma irmã.

Nasci prematura, esse fato aliado ao impedimento de ter outros filhos, fez com que eu fosse sempre cercada de cuidados por meus pais, que me davam muita atenção, brincavam comigo, estavam sempre comprando brinquedos para mim, mas o que eu mais gostava era de escrever e desenhar.

Minha mãe, todas as tarde, costurava roupas para uma confecção, enquanto isso eu ficava ao lado com meus brinquedos. Como não tinha companhia de outras crianças, acabava sempre inventando travessuras. Foi uma festa quando descobri pela primeira vez que podia copiar todos os rótulos dos alimentos que estavam no armário. A

partir de então, isso passou a se repetir todos os dias.

Com o passar do tempo fui me interessando em copiar tudo que tinha letras: marca de geladeira FRIGIDAIRE, fogão CONTINENTAL, liquidificador ARNO, eu estava entrando no mundo das letras. Segundo Kleiman (1995), as práticas de letramento são situações em que a língua escrita é parte essencial da natureza das interações dos participantes e de seus processos e estratégias interpretativas.

Meu interesse pela escrita crescia a cada dia e contava com o incentivo de meus pais, que compravam sempre lápis de cor (seis cores), borracha e lápis de escrever quando os meus acabavam.

Aos quatro anos, com o nascimento de meu irmão, deixei de ser o centro das atenções de minha mãe, que mais atarefada, começou a permitir que brincasse com as minhas vizinhas. O problema era que elas eram mais velhas e quando brincávamos de escolinha eu sempre acabava chorando, pois elas queriam que eu copiasse tudo em letra cursiva e eu não conseguia. Como sempre surgiam conflitos nas brincadeiras, minha mãe não deixou mais que brincássemos juntas, porém, dessa interação, construí conhecimento, pois percebi que as letras diziam algo e que eu podia ler.

A respeito disso Leontiev e Lúria dizem:

“Durante o processo de construção do conhecimento a criança parte de suas próprias generalizações e significados; na verdade ela não sai de seus conceitos, mas, sim, entra no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas. A criança raciocina, seguindo as explicações recebidas, e então reproduz operações lógicas, novas para ela, de transição de uma generalização para outras generalizações”. (LEONTIEV e LÚRIA, 1968 apud Vygotsky, 1998)

Voltei a copiar os rótulos, só que agora ia tentando juntar as letras. Lembro-me da alegria, quando pela primeira vez consegui ler na lata de fermento “ROYAL”. Esta seria a primeira palavra de uma série que viria depois. Fiquei muito feliz, queria ler tudo que encontrava. Na frente de minha casa havia um ponto de ônibus e eu ficava esperando o ônibus passar só para ler o que estava escrito.

Quando completei seis anos queria muito fazer a pré-escola, eu não via a hora de ter o meu caderno e também uma lancheira, porém naquela época a pré-escola era para poucos e na cidade só funcionava uma sala, que ficava muito longe de minha casa, por isso não pude fazer.

Com sete anos entrei na primeira série. No primeiro dia de aula, eu estava ansiosa em saber o que iria aprender. Os dias foram passando e fui me decepcionando,

pois eram feitos exercícios de prontidão durante todo o mês, cujo objetivo era apenas desenvolver a coordenação motora do aluno, ignorando o conhecimento prévio que este trazia consigo. Esses exercícios eram treinos exaustivos intitulados de “onda vai, onda vem”, “serrote do vovô”, “cai chuvinha” e outros. Acreditava-se que a aprendizagem se dava em estágios sucessivos e idênticos em todos os alunos.

Lembro até hoje da minha cartilha, que naquele tempo era comprada juntamente com os demais materiais, por esse motivo, até o início das aulas eu já havia lido todas as páginas da cartilha, que se chamava “No reino da Alegria”. Esta cartilha trazia o método de silabação, dava ênfase à memorização através de cópias repetitivas, partindo das sílabas simples para as complexas. A visão de aprendizagem presente era de uma educação tradicional, as lições eram baseadas na memorização, e só a professora, apesar de muito meiga, era a dona do saber. Hoje sei que esse não era o melhor método, porém era o mais usado. A respeito disso Klein diz:

“É importante destacar que, na escola tradicional, tal método funcionava exatamente porque a relação conteúdo/forma estava dada socialmente, ou seja, a compreensão social da escrita era um fato real, em face da frequência de atos significativos de escrita no universo da maioria das crianças que frequentavam a escola”. (KLEIN, 2002)

Como não me encaixava dentro dessa maioria, pois já estava alfabetizada, não me interessava por aquele ensino mecânico. Terminava rápido e ficava escrevendo outras coisas como o nome dos colegas, dos materiais escolares, inventava nomes com as letras do alfabeto.

Comecei a ser vista pela professora como uma aluna indisciplinada. Esta, conversando com a diretora, pediu que chamasse minha mãe, para perguntar se houve engano na data de meu nascimento, sob o argumento de que eu deveria ser uma aluna repetente, pois já sabia ler tudo e estava atrapalhando os demais alunos. Ao saberem que eu realmente já sabia ler e, portanto não era repetente, a professora passou a trazer outras cartilhas e livros para eu ler, quando acabavam as lições comuns propostas à classe. Era um modo de me isolar e me manter em disciplina.

Hoje, em minha prática, percebo que equívoco houve nesta questão e fico feliz em saber que posso, em sala de aula, promover agrupamentos produtivos, que favorecem a aquisição da linguagem oral e escrita, planejando atividades diferenciadas que atendam as necessidades reais de cada aluno, infelizmente na época em que eu estudava essa interação não era proporcionada.

Apesar de não gostar de fazer as lições repetitivas, gostava muito de ir à escola para brincar com os colegas, receber elogios da professora, tomar o lanche, não me esqueço do cheiro do leite que era servido na merenda.

Fiquei nesta escola até o primeiro semestre. No recesso escolar minha família mudou-se para a tão sonhada casa própria em outro bairro e fui transferida para outra escola: a EEPG “Coronel Luiz Alves” em julho de 1977, onde fiquei até a oitava série.

Fiquei frustrada pois foram várias mudanças de uma só vez: bairro, escola, amigos e professora, que agora era autoritária e de poucas palavras. Quanto ao ensino era o mesmo, só a cartilha mudara, chamava-se “Na hora alegre”.

A professora da primeira série, Dona Leonor, era esposa do diretor, Senhor Leonísio, ele era muito extrovertido e querido, sabia ter autoridade sem deixar de ser afetivo.

Na segunda e terceira séries tive como professora a senhora Albina, que era muito amorosa com todos os alunos, tratava a todos sem distinção, explicava com detalhes as atividades, era organizada, rígida, mais todos gostavam dela. A turma de alunos permaneceu a mesma até a oitava série, bem como também o diretor e o grupo de professores.

Na quarta série, em especial, tive uma professora que deixou marcas. Até mesmo um colega de classe, considerado um aluno com dificuldades em relação aos demais, superou suas dificuldades em relação à linguagem oral e escrita, por causa da dedicação e afeto e também do desempenho dessa querida professora, Dona Maria Cecília Jorge.

As aulas da professora Cecília eram dinâmicas e mesmo numa época em que o ensino era tradicional, ela inovava, trazia livros de literatura de diversos gêneros, música popular brasileira e trabalhava a escrita a partir de sua função social. Cada avanço dos alunos era muito valorizado, a produção de textos era algo constante, redações, dissertações e poesias criadas pelos alunos. Lembro-me até hoje da poesia que fiz, intitulada “Na terra dos Argentinos”.

Seu ensino não era fragmentado. Mesmo as atividades de outras áreas tinham relação com as demais, através do registro ou de diálogos, que era prática constante em suas aulas. Sempre que possível ela estabelecia relação com as outras disciplinas. Considero essa professora democrática, no sentido empregado por Freire, segundo o qual:

“A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seus gostos pela vida, sua esperança num mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito as diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem pra modificação

da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido”.(FREIRE, 1996, p. 112-113)

Sinto-me privilegiada por ter feito parte dessa escola, onde tive professores tão dedicados ao ensino e que trouxeram colaborações, além da parte pedagógica trouxeram lições de vida. Nos diz Rubem Alves “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprendiam ver o mundo pela magia da palavra. O professor assim, não morre jamais”. (ALVES, 1989)

Na quinta série, exceto pela dificuldade de adaptação com a troca de professores a cada 45 minutos, tudo permaneceu tranquilo. Os novos professores tinham sempre o mesmo perfil, conseguiam passar os conteúdos, dar conta da disciplina na sala de aula e eram muito afetivos com todos.

Uma professora que marcou nessa época foi a de Língua Portuguesa, Dona Maria Aparecida Gusmão Bertani, Dona Lia, como era carinhosamente chamada. Era muito enérgica, porém muito eficaz no ensino de sua disciplina. Promovia sempre “concursos” de produção de textos e eu sempre ganhava, quer seja na escrita de redação, de dissertação ou de narrativas. Até hoje gosto muito de escrever e creio que devo isso ao incentivo que tive de professores que demonstravam o valor da comunicação e cuidavam da auto-estima dos alunos. Dona Lia permaneceu dando aulas até a oitava série e foi paraninfa de nossa formatura. As demais professoras foram muito atenciosas e também deixaram suas marcas.

Acredito que um dos aspectos fundamentais para motivar os alunos aprenderem é o respeito e a valorização, aos saberes do educando, agindo assim, o ambiente escolar se torna mais aconchegante e propício ao desenvolvimento da afetividade e conseqüentemente do conhecimento.

Segundo Freire: “Respeitar a leitura de mundo do educando, significa tomá-la como ponto de partida para compreensão do papel da curiosidade, de modo geral e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.” (FREIRE, 1996, p. 123)

No último ano, que estava nessa escola, o diretor se mudou para Piracicaba e em seu lugar começou uma diretora chamada Cristina. Mais uma vez tive o privilégio de contar com uma pessoa dinâmica e atenta aos interesses dos alunos.

A classe, que permaneceu unida desde o primário até a conclusão do 1º grau, conseguiu num esforço coletivo arrecadar fundos para um coquetel e uma viagem à cidade de Caconde, em Minas Gerais. Ficamos uma semana em uma fazenda colonial, o

mobiliário era antigo, tinha passeios a cavalo, tirava-se leite das vacas, tinha piscina. Foram dias que ficarão, com certeza, gravados em minha memória durante muitos anos. Após a viagem, realizou-se a cerimônia de formatura em nossa própria escola, estávamos muito felizes, mas a despedida ao som da música de Roberto Carlos “*A despedida*” trouxe forte, emoções, pois aquele momento seria mesmo o final de uma trajetória. Agora cada um tomaria seu rumo, em uma outra escola, em outros cursos, outros deixariam os estudos, uma coisa era certa, as amizades construídas nesse período foram muito significativas. Não tenho contato com muitas delas, mas algumas são presentes até os dias de hoje.

Refletindo a respeito da minha formação no 1º grau, chego a conclusão da importante da qualidade do relacionamento existente entre professor/aluno, aluno/aluno, na constituição e na formação do caráter humano. Acredito que a escola que educa para a vida supera conteúdos e memorizações, mas deixa registrado, na essência do educando, sentimentos que o acompanham por toda a vida.

2. A FORMAÇÃO NO MAGISTÉRIO

“Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo...

Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou...

Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma...”.

Fernando Pessoa

Terminado o 1º grau era chegada a hora de decidir qual caminho seguir, fiquei em dúvida entre os cursos técnicos oferecidos gratuitamente pela escola e acabei perdendo o prazo para inscrição no vestibular para o ingresso no magistério. Tinha o desejo de prosseguir os estudos, mesmo sem o incentivo de meus pais, porém, com insistência acabei convencendo-os e fiz a matrícula para o 1º ano do 2º grau, que não exigia o vestibular para o ingresso.

Iniciaram as aulas e senti a separação de minhas amigas, pois a maioria optou pelo magistério.

Comecei a trabalhar em uma confecção e passei a estudar a noite. Em 1985 conclui o 1º ano do 2º grau, eu nem pensava em ser professora, queria mesmo trabalhar em escritório, banco, lojas, achava que não levava jeito com crianças, hoje não me vejo sem elas.

Em 1986 mudei de emprego, passei a trabalhar em um supermercado, os horários eram incompatíveis com os estudos e como não tinha estímulo, desisti do 2º ano do 2º grau.

Fiquei sem estudar durante três anos e por intermédio da irmã de uma amiga de infância, que trabalhava na secretaria da escola, consegui matrícula no 2º ano do magistério em 1989, fazendo apenas adaptação na matéria Filosofia da Educação, pois esta não constava no currículo do 1º ano do 2º grau que havia cursado em 1985.

O magistério não era nada do que eu imaginava. As matérias teóricas, aulas expositivas, tudo era explicado como uma receita pronta, os professores eram preparados para serem fiéis depositários de conhecimento, e eu continuava sem o desejo de ser professora.

Iniciei os estágios, mas como meu tempo era escasso, só me restava o horário

de almoço para fazer algumas horas. Nesta época não tive a oportunidade de ficar com nenhuma classe nos dias em que fiz estágio, além disso, muitos professores não gostavam de ter uma estagiária na sala de aula e acabavam por assinar a ficha de estágio sem que o que havia sido feito correspondesse de fato à quantidade de horas cumpridas nas unidades escolares; outras vezes pediam para mimeografar atividades, recortar máscaras, tudo era feito para evitar que se atrapalhasse a aula da professora e também diminuísse a possibilidade de contato físico com os alunos. Eu me sentia distante da profissão docente discutida nas aulas do magistério.

Felizmente, no 4º ano do magistério (1991), fui convidada pela Secretaria da Educação à prestar um concurso para monitora de pré-escola. Este concurso foi realizado somente entre as formandas, pois o trabalho, além de preencher as necessidades da secretaria, serviria como estágio. Participei da seleção e passei em 7º lugar, sendo chamada para assumir o cargo na semana seguinte.

Foi uma experiência tão apaixonante que até hoje trabalho na educação infantil. No início não tinha uma turma fixa, mas isso não impedia de ter uma relação afetiva com os alunos, pelo contrário, a afetividade era ainda mais presente, pois ao passar de uma escola para outra fazia sempre o trabalho de apresentação entre professora e alunos, fato que é permeado de afeto. Conhecer o outro, adaptar-se, deixar o vínculo com os pais ou com outro educador e transferir esse sentimento para outra pessoa.

Esses momentos de apresentação entre professor e alunos devem ser prazerosos para que os alunos se sintam seguros. Em minha prática isso sempre se repete, quando recebo no 1º dia de aula aqueles olhinhos assustados, e ao mesmo tempo, tão carentes de afeto para que possam se sentir tranquilos.

Hoje posso dizer que o 4º ano de magistério foi de um crescimento significativo para minha formação e atuação na vida profissional, a prática em sala de aula forneceu subsídios para compreender a relação teoria/prática como também me trouxe o desejo de ensinar. A visão mecânica que tinha no início do curso passou por uma grande transformação. O envolvimento com os alunos foi fator fundamental para que despertasse o desejo de estar em sala de aula e poder contribuir na formação daqueles pequeninos seres.

Ao lembrar desse tempo sinto grande alegria, pois além de estar recém casada, foi um período de grande conquista na vida profissional. Eu já trazia comigo a convicção que seria professora, tudo aconteceu rapidamente e uma semana após a formatura, prestei o concurso na rede municipal para professor de educação infantil e passei em 2º lugar, assumindo minha classe efetiva já em Fevereiro de 1992.

3. EU COMO PROFESSORA TITULAR

“Guardamos em nós o mestre que tantos foram. Podemos modernizá-lo, mas nunca deixamos de sê-lo. Para reencontrá-lo, lembrar é preciso”.

Arroyo.

Em janeiro de 1992 os sentimentos se misturam: alegria, ansiedade e insegurança, como já sabia que assumiria uma classe no início do ano letivo, fiquei insegura, recorri aos cadernos do magistério, aos modelos de atividades que acumulei nos meses de substituição e não satisfeita, fui procurar ajuda com uma amiga de infância, que já atuava na rede municipal como professora de educação infantil. Não esperava que isso fosse acontecer, mas pude constatar que a formação inicial de professores não é suficiente para dar suporte ao exercício docente, seria necessário, além da interação de alunos e professores a prática e a reflexão.

Segundo Pimenta,

“... a formação é, na verdade, auto formação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares. É nesse confronto e num processo coletivo de troca de experiências e práticas que os professores vão constituindo seus saberes como praxicum, ou seja, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática”. (PIMENTA, 1997, p.56)

Enfim chegou o dia da atribuição! Para minha surpresa ingressei na mesma unidade onde havia ficado o ano anterior como monitora de pré-escola. Esta escola era perto de minha casa e também ao lado da escola onde estudei até a 8ª série.

Fiquei mais tranqüila, pois já conhecia todos, isso aliviou em parte a minha insegurança, mas não impediu que levasse comigo um “kit escolar de primeiros socorros”, que julgava necessário na época: atividades mimeografadas, jogos confeccionados com papel cartão e um caderno de músicas infantis. Que visão errônea essa que tinha, hoje em minha prática sei que o mais importante nos primeiros dias de aula é a socialização e a integração professor/aluno e pais, isso não se faz de imediato com nenhum desses materiais, mas resultam do contato, da cumplicidade estabelecida na primeira semana em que o aluno frequenta a escola. Através da postura do professor ele pode atuar no sentido de amenizar os efeitos desastrosos de sentimentos e emoções

que desgastam e exigem grande mobilização, como a ansiedade, o medo e a frustração comuns nos primeiros dias de aula.

Lembro-me com carinho da minha primeira turma. Foi uma experiência boa e ao contrário do que imaginei, os alunos não tiveram problemas de adaptação. Tratava-se de uma classe heterogênea, tanto no desenvolvimento da aprendizagem quanto em relação ao nível social. Havia alunos que eram filhos de bóias fria, que vinham de ônibus da prefeitura, havia filhos de operários e até uma aluna que era filha de executivo, é claro que existiam diferenças visíveis em seus modos de falar, vestir-se e comportar-se, isso tudo refletia na aprendizagem.

Posso dizer que nem tudo que planejava atendia minhas expectativas com relação aos alunos. Recebi ajuda dos demais professores que já tinham alguns anos de experiência e seguiam o planejamento de anos anteriores, modificando apenas alguns projetos exigidos pela Secretaria da Educação. Só em um ponto minha classe se distinguia daquele tradicionalismo imposto, que visava a memorização e a reprodução de atividades pré estabelecidas, era a forma que eu tratava os alunos, como seres capazes de aprender, isso fazia e ainda hoje faz a diferença, este é o motivo que sustenta minha crença na importância da afetividade na aprendizagem.

Leite e Tassoni afirmam,

“... a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (aluno) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas”. (LEITE e TASSONI, 2002, p. 4)

No ano seguinte, por motivos burocráticos, me removi para outra unidade escolar, mas continuei trabalhando com alunos de pré-escola. Fiquei nessa unidade até 1996, quando precisei me remover por motivo de mudança de prédio.

Nesta unidade construí laços de amizade que tenho até hoje e também alicercei a minha prática como educadora. Por isso concordo com as palavras de Paulo Freire, “... o importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela!” (FREIRE, 2000)

O planejamento era feito coletivamente, havia troca de idéias entre os professores, porém as atividades planejadas poderiam se desenvolver de acordo com o interesse da classe. Isso ainda faz parte da minha prática, até hoje procuro compreender o mundo do aluno, vendo as coisas pelo seu ponto de vista, a fim de poder alcançar o seu desejo. De acordo com Dantas (1990) compreendo a educação como um processo

construtivo e criativo, a construção do conhecimento vai acontecendo através de informações e desafios sobre as coisas do mundo, mas o aspecto afetivo nesta construção continua sempre muito presente.

Outro fato que colaborou muito para sentir-me segura quanto ao trabalho pedagógico que realizava, era o apoio da coordenadora e conseqüentemente o apoio dos pais de alunos, que valorizavam muito o trabalho dos professores e da escola.

Foram quatro anos que serviram de base para minha trajetória nos anos seguintes. Nem tudo era perfeito, tive também problemas com indisciplina na sala de aula, alunos com dificuldades e pais incompreensivos. Mas num ambiente solidário sempre encontrei soluções, diante de pessoas que consideram as emoções tanto as positivas como as negativas, que compreendem a educação como um todo e em contínuo desenvolvimento, com isso fui sempre vencendo obstáculos e superando os desafios.

Segundo Leite e Tassoni,

“Deve-se acreditar que os esforços individuais podem frutificar as práticas coletivas, se conseguirem contagiar outras pessoas da comunidade escolar. Assim, promove-se uma ampliação das condições de interação vividas dentro da classe para um âmbito cada vez maior, onde as atitudes de compreensão, consideração, respeito e reciprocidade tornem possível a busca da realização de todos os envolvidos”.(LEITE E TASSONI, 2002, p. 15)

Em 1997, houve a troca da Secretaria de Educação e também ocorreu a municipalização das primeiras escolas de ensino fundamental no município de Santa Bárbara. Essas salas foram atribuídas aos professores de educação infantil a título de carga suplementar, pois não havia sido feito um concurso público específico para contratação desses profissionais.

Dentre muitos professores, eu assumi uma classe de ciclo II (2ª série), com crianças na faixa etária de oito anos. Esta escola ficava localizada dentro de um conjunto habitacional criado no ano anterior. As classes eram numerosas, os alunos em sua maioria eram carentes, faltavam materiais tanto pedagógicos como de infraestrutura: armários para os professores, pratos e utensílios correspondente ao número de alunos. A escola funcionava em três turnos: manhã, tarde e vespertino. Não havia intervalo na entrada das turmas, o mesmo sinal de saída servia para anunciar o início do outro período.

Um fato que me entristeceu neste ano foi a postura dos demais professores do ciclo II, que após algumas semanas de aula, em reunião com a direção, resolveram excluir os alunos com problemas de aprendizagem de suas salas. Era difícil ouvir o que

diziam a respeito das crianças, ver cada professor com uma lista de alunos que julgavam incapazes de aprender. Essa idéia não correspondia com a concepção de ensino/aprendizagem e relação professor/aluno que trazia comigo. Também não compreendia como em uma época em que as idéias a respeito do construtivismo já eram há mais de uma década difundidas, ainda existiam professores que acreditavam ser melhor o trabalho com uma classe homogênea, que não favorece a troca de conhecimentos.

A esse respeito diz Silva,

“Apesar de inegáveis avanços teóricos na área da aquisição, domínio e usos da linguagem verbal escrita, as práticas docentes, na grande maioria das escolas brasileiras de primeiro grau, continuam a reproduzir esquemas ultrapassados e esclerosados, quando não perniciosos e prejudiciais à aprendizagem significativa das letras. Eu até arriscaria dizer que, em alguns casos, os esquemas de ensino, de tão improvisados e artificiais, geram morte paulatina do potencial que as crianças trazem consigo quando iniciam a sua trajetória escolar. Daí a frustração, o fracasso, a repetência e a própria exclusão”. (SILVA, 2000, p. 15)

Houve discussões, porém a direção decidiu que o melhor mesmo era separar esses alunos considerados como “problemas” e montar uma sala separada, pois segundo a diretora eles atrapalhariam o desempenho da classe.

Ficou decidido em reunião de HTDC, que a classe ficaria comigo, sobre o argumento que eu levava “jeito” com uma sala remanejada, termo como se referiam a esta sala.

Aceitei o desafio e como foi difícil! Tinha dias que eu ia embora chorando, pois o desgaste emocional era intenso, mas eu fazia o melhor que podia e fui aos poucos conquistando o carinho e respeito por parte daqueles alunos, que tinham baixa auto-estima, já se consideravam como incapazes, como feios, pobres, muitos tinham apelidos pejorativos, problemas familiares, além disso, a idade deles variava de 8 a 14 anos.

Hoje, quando vejo as teorias sobre a afetividade na relação professor/aluno, concordo plenamente com elas, na época não tinha o conhecimento a esse respeito, mas reconheço que nenhum método poder ser tão eficaz se não houver um elo afetivo. São lindas as palavras de Freire quando diz: “... não se pode falar em educação sem amor”.

Trabalhei com esta sala sob orientação de uma pedagoga com o método de Paulo Freire, usando temas geradores e a silabação das palavras que os alunos escolhiam.

Para Freire “cada palavra tem sua carga pragmática, uma combinação de teor afetivo com peso crítico, cada palavra esconde muitas falas porque esta carregada dos

sinais da dor, do seu cotidiano, da esperança de quem as vivencia”. (FREIRE, 1977)

Fui trabalhando e muitas vezes as palavras que diziam não seriam aceitas num ambiente de sala de aula, mas eu respeitava cada palavra nova que era composta, depois as frases e eles iam avançando no conhecimento. Lembro-me de um aluno com 14 anos que apresentava sinais da puberdade, e só montava palavras obscenas, outro aluno montava palavras como REVOLVER, PRISÃO, LADRÃO, e suas frases na maioria das vezes eram voltadas a fatos violentos, pois seu pai era presidiário.

Sei que fiz o melhor que pude por aqueles alunos e não me sinto culpada por não ter feito mais, pois acredito que se tivesse o conhecimento teórico que tenho hoje teria trabalhado de forma mais eficaz. Hoje vejo que me equivoquei quando pensava estar trabalhando com o método de Freire, pois ele levava os alunos a ter uma consciência crítica e eu estava na verdade trabalhando só a silabação.

Analisando o processo de alfabetização escolar à luz dessas idéias pode-se assumir a princípio que este método pode constituir-se tanto num processo de libertação/conscientização quanto num processo de domesticação/alienação dos indivíduos, dependendo do contexto ideológico que ocorre. Infelizmente a ideologia e o objetivo que tinha na época em que atuava com essa turma era fazer com que decodificassem a escrita, por isso a ênfase na silabação, não foi suficiente para atingir a todos, pois apesar das palavras representarem algo subjetivo para os alunos as práticas de leitura não eram freqüentes para que percebessem a função social da escrita.

Hoje, com o conhecimento aprofundado pelas contribuições do Proesf, especificamente a respeito da concepção de educação, nas idéias de Paulo Freire, vejo que trabalhei equivocadamente com esta classe, embora tenha contribuído para que alguns alunos se alfabetizassem, o objetivo proposto por Freire, através de temas geradores, era para promover uma alfabetização crítica, ou seja, trabalhar as questões sociais, discutindo e trocando conhecimentos com os alunos a respeito dos temas trabalhados e isso eu não havia feito em minha prática.

Dessa sala, dos 22 alunos que não sabiam ler, nove saíram alfabetizados no final do ano, liam, escreviam e interpretavam textos, os demais apenas decodificavam o que estava escrito, e quando eu perguntava o que estava escrito, se esqueciam do que haviam lido.

Segundo Leite

“A construção do processo de alfabetização escolar numa perspectiva crítica, implica não só a existência de relações dialógicas saudáveis em sala de aula, mas principalmente a escolha de conteúdos que possibilitem a problematização da realidade”. LEITE (2001, p. 28)

Como disse não me sinto em falta com esses alunos, pois me dediquei dentro do possível. De uma coisa tenho certeza, colaborei na recuperação da auto-estima de todos, renovando a auto-confiança para que reconhecessem que eram capazes de aprender.

Os alunos que foram alfabetizados foram matriculados na 3ª série, os demais continuaram matriculados no ciclo II para o ano de 1998. Não tive mais contato com eles, visto que não era efetiva nesta escola.

Nos anos seguintes fiquei somente com a educação infantil. Já trabalhei com turma de 4, 5 e 6 anos, sempre ampliando a jornada de trabalho com duas turmas. Gosto muito do que faço, procuro sempre olhar meus alunos como um todo e em constante desenvolvimento, valorizando o que já sabem e adequando as atividades de acordo com seus interesses e necessidades.

Como afirma Galvão,

“O estudo da criança contextualizada possibilita que se perceba que, entre seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, as linguagens e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento”. (GALVÃO, 1993, p. 39)

Assim como vejo os alunos em constante desenvolvimento não poderia também me excluir desse processo e é desta maneira que me sinto, sempre em busca de novos aprendizados, participando de experiências, nem sempre positivas, mas tirando proveito das que não deram certo para refletir sobre a minha prática.

São 15 anos de prática docente na certeza que aprendi muito mais que ensinei, aprendi com os alunos, com outros professores, com os pais, com a comunidade, com as teorias, aprendi com a prática, mas deparo-me sempre com a necessidade de buscar mais... Como nas palavras de Galeano,

“Ela esta no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Afinal, para que serve a utopia? Serve para isso, para caminhar”. (GALEANO apud LEITE, 2001, p.21)

No capítulo seguinte vou discorrer a respeito de minha formação superior e as contribuições do PROESF que enriqueceram minha prática pedagógica, através de constante ação e reflexão, foram contribuições que colaboraram para que chegasse até

aqui.

Como diz Corazza: “Teorizar sobre a prática implica ir além das aparências imediatas, já que os sujeitos refletem, discutem e estudam criticamente o tema problematizado, buscando a essência dos fenômenos anteriormente percebidos”. (CORAZZA, 1991, p. 88)

Acredito verdadeiramente, na importância de ir sempre em busca de novas teorias que norteiem o trabalho docente. Penso que o ato de ensinar e aprender caminham juntos, que os educadores compartilham experiências com seus alunos, porém é necessário o conhecimento acadêmico para subsidiar a sua prática cotidiana.

4.A FORMAÇÃO SUPERIOR E AS CONTRIBUIÇÕES DO PROESF

“(...) investir na formação do professor, para que ele tenha competência e compromisso com o que faz, e para que tenha consciência de como o faz”.

Morgado, 1995, p. 110

Como relato no capítulo anterior o conhecimento é de fundamental importância para a reflexão e mudança na prática pedagógica.

Sempre tive o desejo de prosseguir nos estudos, mas por motivos financeiros não pude frequentar uma instituição particular, aliado a esse fato o sonho de concluir o ensino superior foi sendo adiado com o nascimento dos filhos (tenho quatro), inclusive não participei do primeiro processo seletivo do PROESF 2002, pois minha filha caçula estava com apenas quatro meses, decidi então participar no ano seguinte quando ela já estava mais independente de meus cuidados, como por exemplo, a amamentação.

Fiquei muito feliz em poder participar do processo em 2003, no dia da prova estava agitada, mas com esperança em alcançar o meu objetivo. Estudei, mas reconheço que só o conhecimento teórico não teria sido suficiente para um bom desempenho, minha prática colaborou muito para um resultado satisfatório.

Foi em 15 de julho de 2003 que fiquei muito emocionada ao ver meu nome dentre os selecionados para ingressar no curso, passei em 9º lugar, fiquei muito satisfeita por ter conseguido realizar o meu sonho. Hoje posso dizer o quanto aprendi e o quanto valeu a pena esses três anos em que cursei o PROESF, são conhecimentos e experiências que utilizei e ainda utilizo em minha prática, buscando sempre o aperfeiçoamento tão exigido nesse sistema múltiplo e complexo que é a educação.

Segundo Gasparin “O conhecimento teórico adquirido retorna à prática social de onde partiu, visando agir sobre ela com entendimento mais crítico, elaborado e consistente, intervindo em suas transformações”. (GASPARIN, 1990)

Foram inúmeras as contribuições que o PROESF proporcionou para enriquecer minha prática, sendo consciente da necessidade de sempre ir a busca de novos conhecimentos pude participar de experiências significativas, de aulas dinâmicas, de

momentos de descontração e prazer que ficarão registrados em minha memória por longos anos, já sinto saudades de estar toda noite reunida com as colegas, das piadas que contávamos na Van, da recepção das Assistentes Pedagógicas.

Cada disciplina foi importante e todas, sem exceção, contribuíram para a minha reflexão.

Fiquei conhecendo as artimanhas da tecnologia, que não só trouxe auxílio para a humanidade, mas também pode trazer alienação à população através dos meios de comunicação de massas.

O multiculturalismo, esse fascinante universo que inclui, mas dependendo do olhar, poderá excluir severamente.

Na história da educação pude compreender melhor o processo histórico que a educação percorreu até os dias de hoje, pude perceber o quanto ainda precisa ser feito para uma educação de qualidade no Brasil.

Fiquei encantada com as teorias referentes à construção da linguagem escrita na disciplina de Língua Portuguesa, em minha prática me identifiquei com a teoria de Wallon e Vygotsky, pois acredito que o meio em que o aluno vive, influencia bastante em suas atitudes e conseqüentemente na aprendizagem, também achei interessante a importância da afetividade entre professor/aluno e passei a valorizar ainda mais a oralidade em sala de aula.

As aulas magnas do Prof^o Dr^o Sérgio Leite, favoreceram uma análise mais crítica com relação aos processos de leitura, escrita e construção do conhecimento, ressaltando a importância do letramento, o desafio de alfabetizar letrando, tendo sempre o texto como ponto de partida e chegada, a abordagem a respeito da formação de bons leitores, em que o aluno tem sempre um adulto (leitor) como modelo, modificaram efetivamente minha prática em sala de aula. Passei a ter uma nova postura como leitora, diversificando gêneros literários, além de priorizar a leitura como rotina indispensável no cotidiano escolar, pois inicio sempre minhas aulas com a leitura compartilhada, também nas reuniões de pais procuro falar a respeito da importância da leitura no processo de ensino e aprendizagem, ressaltando o caráter afetivo que esta presente neste tipo de atividade.

Em Filosofia aprendi a importância de ir sempre em busca de algo científico e não basear-me apenas no senso comum.

Compreendi o verdadeiro sentido da arte, que não se limita à pintura de desenhos mimeografados, mas hoje com meus alunos posso contemplar as infinitas possibilidades de criação neste campo tão vasto que a arte proporciona.

Enfim, cada disciplina trouxe a possibilidade de inovar, ousar, criar e o mais importante de tudo, a convicção que os alunos são seres capazes de construir e reconstruir conhecimentos, e têm o direito de serem amados e felizes.

Durante esses semestres que cursei o PROESF, posso afirmar que não sou mais a mesma de quando iniciei, estou aberta a reflexões, construindo e compartilhando saberes e experiências, isso move o desejo de estar sempre em busca de novos conhecimentos.

Segundo Cecília Meireles,

“Estamos todos os dias renovando, na criatura que fomos na véspera, a criatura que seremos no amanhã. Mais do que renovando-a: refazendo-a, porque não tornamos a ser jamais o que fomos, salvos apenas de uma velhice posterior, mas construímos de fato uma vida própria, que das outras só guarda a lembrança das experiências e uma certa memória de duração com que vamos acreditando na sua continuidade”. (CECÍLIA MEIRELES, 2001, p. 33)

5. AFETIVIDADE E ALFABETIZAÇÃO: UM ELO INDISSOCIÁVEL

“A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”.

Freire, 1996, p. 141

A escola, como espaço legítimo para promover a apropriação da experiência culturalmente acumulada, deve levar em conta que os aspectos cognitivos e afetivos são indissociáveis e proporcionar o desenvolvimento do indivíduo na sua totalidade. A trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

Considerando o aluno como sujeito ativo em seu processo de aquisição de conhecimento é inegável a troca de experiências que vivencia, em seu cotidiano com professores, os demais alunos e o objeto de conhecimento.

Segundo Galvão (1995) a análise walloniana sobre a emoção traz interessantes elementos para que possamos compreender melhor essas dinâmicas.

A relação de antagonismo que identifica entre as manifestações da emoção e a atividade intelectual, nos autoriza a concluir que quanto maior a clareza que o professor tiver dos fatores que provocam os conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestação de suas razões emocionais e em consequência, encontrar caminhos para solucioná-los, bem como fazer das emoções um termômetro capaz de medir o interesse dos alunos nas situações de ensino propostas.

Segundo Piaget a afetividade é a energética da ação, isso significa que o cognitivo e o afetivo estão sempre interligados. (PIAGET, 1980, p.78)

De acordo com Galvão (1995) Wallon propõe que a escola reflita acerca de suas dimensões sócio políticas e aproprie-se de seu papel no movimento de transformações da sociedade, a abrangência de seu objeto de estudo sugere que a educação deve ter por meta não somente o desenvolvimento intelectual, mas a pessoa como um todo.

Sob esta ótica o indivíduo não é visto como um ser fragmentado, como outrora o era na separação cartesiana entre corpo e alma, sendo a emoção em vários momentos históricos considerada um escárnio do ser humano.

As contribuições teóricas surgidas no século XX centradas nos determinantes culturais, históricos e sociais da condição humana, criam as condições para uma nova compreensão sobre o papel das dimensões afetivas no desenvolvimento humano, bem como das relações entre razão e emoção, em direção a uma concepção monista do processo de constituição do ser humano, em que afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais possível analisá-las isoladamente. Para Cury (2003) os professores que não provocam emoção não educam, apenas informam.

Segundo Wallon o desenvolvimento humano centra-se em três grandes eixos: afetividade, o ato motor e a inteligência, a pessoa seria o quarto eixo que integra os demais, sendo ela própria um outro eixo funcional. Para o autor todo processo de desenvolvimento é gerado pela contínua interação dessas dimensões. (WALLON apud GALVÃO, 1995)

De acordo com Galvão (1995) para Wallon as emoções têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. A emoção é precursora do intelecto. Segundo Cury “... a emoção define a qualidade do registro. Todas as experiências que possuem um alto volume emocional provocam um registro privilegiado. O amor e o ódio, a alegria e angústia provocam um registro intenso”! (Cury, 2003, p. 23)

Desta forma as emoções são entendidas como um tipo particular de manifestações afetivas que se diferenciam de outras por alguns traços: são visíveis pelo outro, são provisórias, mobilizam as pessoas e por terem estas funções comunicativas, resultam outras características como o fato de a emoção ser contagiosa, assim sendo, tem o poder de em um meio social se propagar e criar uma outra emoção, igual, complementar ou oposta.

Remetendo estas características à sala de aula vejo que as emoções são a mola a serviço da prática pedagógica, visto que na educação infantil as crianças se comunicam muito fortemente pelas emoções, não só pelo choro, mas pelo movimento e expressões faciais, como também no interesse em realizar as atividades que são propostas. Observo o quanto dão valor à confecção de um trabalho para o dia das mães, cartões para os colegas aniversariantes, cartas à turma da classe vizinha. Fica explícito nestas situações o papel da afetividade e da alfabetização, pois o interesse em escrever corretamente, em saber o que está sendo escrito aumenta quando sabem que o outro irá receber a sua correspondência, seria o compreender aqui a função social da escrita.

Segundo Leite “Através, principalmente da mediação do adulto a criança vai gradualmente identificando a natureza e as funções da escrita, num processo cujo ritmo e excelência são determinados pela quantidade e qualidade das interações o sujeito com a escrita”. (LEITE, 2001, p. 29),

Ainda com relação às atividades dotadas de significados aos alunos, segundo Vygotsky (1998), há nos seres humanos um “sistema dinâmico de significados”, o pensamento tem origem na esfera da motivação, o que inclui interesses, necessidades, impulsos, emoções nos quais os aspectos intelectuais e afetivos se unem, as idéias vêm impregnadas de afeto, o que é determinado de acordo com a realidade do sujeito, ou seja, a subjetividade é uma atividade autônoma do indivíduo, que surge com o contato deste com seu contexto sócio-histórico-cultural.

No que diz respeito à cultura Wallon identifica-se com a teoria de Vygotsky, pois segundo Wallon a cultura é um fator regulador importante, no sentido de que cada cultura, ou micro cultura, tem regras próprias de expressão, não é algo apenas espontâneo. Isso pensado num meio escolar, em que a cultura é determinante, há muito que fazer, quando o professor é comprometido com o ensino e respeita a individualidade de cada aluno, não tratando com discriminação, mas fazendo das diferenças multiculturais um passaporte para ampliar o seu conhecimento e estimular a troca de experiências.

Para Galvão,

“Ao interagir com o conhecimento formal, o pensamento se apropria das diferenciações já feitas pela cultura, as quais contribuem para a realização das diferenciações que devem ser realizadas pelo próprio indivíduo. A redução do sincretismo e a consolidação da função categorial são processos em estreita dependência do meio cultural”. (GALVÃO, 1995, p. 86)

Em minha prática, como já relatei no capítulo três, é comum observar as diferenças nítidas em todas as turmas que já lecionei. O universo sócio-histórico-cultural é perceptível, por isso, concordo com Vygotsky e também com Wallon quando se reportam ao caráter peculiar dos indivíduos.

Pode-se, assim dizer que Wallon e Vygotsky assumem o caráter social da afetividade as manifestações, inicialmente orgânicas, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo simbólico, ampliando-se as suas formas de manifestações, sendo a relação afetividade-inteligência fundamental para todo o processo de desenvolvimento humano.

Em confronto às teorias de Wallon e Vygotsky, Piaget define o indivíduo como

um ser biológico, desta forma a criança é vista igualmente pelos três teóricos apenas no primeiro ano de vida. A teoria piagetiana dá ênfase no desenvolvimento por estágios que tem uma duração específica e igual a todos, independente de seu meio social.

É pela interação entre o sujeito, o meio social e o físico, e até pelas interações do sujeito com ele próprio, que vai se dando a progressiva diferenciação da pessoa. Inicialmente essa interação se dará no plano corporal, segundo Wallon a motricidade tem grande dimensão afetiva, isso irá refletir na prática pedagógica no sentido de como organizar o espaço a fim de acolher, conter e propiciar ações para que as crianças manifestem seus movimentos. Isso não era possível de se realizar numa concepção tradicional de ensino em que há a crença que o indivíduo para aprender deve permanecer estático, isto é um contra-censo, visto que o pensamento da criança precisa da gestualidade como suporte, sendo os gestos a primeira expressão da afetividade no ser humano, como diz Almeida: “enquanto não aparece a palavra, é o movimento que traduz a vida psíquica, garantindo a relação da criança com o meio” (1999, p. 42).

Com meus alunos da educação infantil gosto muito de realizar brincadeiras que proporcionem momentos de toque, olhares, mímicas, como dinâmica coletivas que permitem o escutar, ver e sentir o outro e também explorar o ambiente em que se está inserido. Ex: descobrir pelo tato quem é o amigo, conhecer quem é o outro através da voz, adivinhar pela mímica o que o colega está representando.

Através da interação, a afetividade adquire novas formas de manifestação, não restringindo apenas ao contato físico, substituindo-se por outras manifestações de natureza cognitiva, dando lugar ao respeito e reciprocidade.

Segundo Almeida (1994) conforme a criança avança em idade é necessário ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem.

Na escola, a afetividade não se limita apenas ao contato físico entre seus membros, mas na valorização que o professor faz ao avanço de seus alunos, construindo desta forma, vínculos afetivos no ato de ensinar e aprender.

Vale ressaltar que estes vínculos são construídos primeiramente no ambiente familiar e posteriormente na relação professor/aluno e aluno/aluno e o meio social, por este motivo é muito importante o respeito pelos conhecimentos prévios dos alunos, suas vivências, enfim é de fundamental importância respeitar a diversidade dos alunos e vê-los como ser único e complexo, pois cada um tem seu histórico de vida.

O desenvolvimento de diferentes capacidades: cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal, se torna possível por meio

do processo de construção de conhecimento, o que depende de condições de aprendizagem de natureza subjetiva e objetiva.

A aprendizagem depende, em grande medida, de como o processo educativo se organiza em suas diferentes dimensões, ou seja, de condições mais objetivas. As propostas pedagógicas devem sempre resultar do ‘cruzamento’ dos objetivos de ensino definidos e das possibilidades de aprendizagem dos alunos. Mas as condições mais subjetivas têm enormes influências nesse processo: o conhecimento prévio do aluno, a crença na própria capacidade, a disponibilidade e a curiosidade para aprender, a valorização dos saberes que possui e o sentimento de pertinência ao grupo de colegas são alguns dos fatores que explicam por que a partir de um mesmo ensino, há sempre lugar para a construção de diferentes aprendizagens.

Isso significa que planejar o ensino a partir do que o aluno já sabe, sobre o objeto em questão, aumenta as possibilidades de se desenvolver uma aprendizagem significativa, marcada pelo sucesso do aluno, em apropriar-se daquele conhecimento.

Quando se trata da questão referente à alfabetização, esses fatores são relevantes para que o aluno tenha prazer em aprender. No ensino tradicional a subjetividade é pouco estimulada, visto que o aluno é considerado um sujeito passivo, no qual o professor é um mero transmissor e não considera as informações que este já possui. A alfabetização não é construída somente na escola, a criança recebe em outros ambientes, muitos estímulos visuais, auditivos que possibilitam e facilitam o desenvolvimento desse processo. Porém isso também é ignorado nesse modelo de ensino acreditando-se que os alunos têm o momento certo para aprender.

O professor que orienta seu trabalho pelo modelo tradicional faz a codificação da fala e a decodificação da escrita. O sujeito primeiro adquire o conhecimento do código, não domina o uso social do mesmo, gerando uma ausência de reflexão e como consequência, não exerce a cidadania, pois se torna incapaz de ter uma visão crítica da sociedade. Ainda neste modelo é dada a ênfase no acerto e o erro é visto como algo inadmissível. O método de silabação e o uso de textos incoerentes só visam formar sujeitos alienados à sua realidade.

A mudança neste modelo de concepção aconteceu mais por motivos políticos que pedagógicos. O mercado de trabalho exigia mão de obra mais qualificada e existiam muitos analfabetos funcionais, que fora da escola não compreendiam a função social da escrita. As condições sociais e políticas clamavam pela mudança na educação.

Em meados dos anos 80, os documentos produzidos pelo setor de educação da Unesco, enfatizam que o conceito atual de alfabetização esforça-se por introduzir a idéia

de que a aprendizagem da leitura e da escrita deve vincular-se, o máximo possível, a realidades concretas, sejam de ordem cotidiana, técnicas, econômicas, políticas, culturais.

A alfabetização passa a ser vista como um processo permanente, capaz de criar condições para aquisição de uma consciência crítica, móvel das transformações sociais, passando assumir um aspecto social ao invés de um processo individual, como era visto no ensino tradicional.

Na concepção atual existem dois aspectos fundamentais: o caráter simbólico da escrita, ou seja, a palavra escrita é relevante pelo seu significado e serve para representar a idéia; o uso social da escrita: as diversas maneiras de se expressar, falar e escrever, isto é, a escrita verdadeira e utilizável em seu cotidiano, construída pela cultura do indivíduo.

Desta forma, a alfabetização não é algo mecânico e desvinculado da realidade do educando, mas torna o aluno consciente da função social da escrita.

Com meus alunos realizo sempre atividades que proporcionam a observação de tal função, como por exemplo, as práticas de letramento que são instrumentos preciosos que devem ser utilizados diariamente no ensino da linguagem oral e escrita, tais como: elaboração de bilhetes aos pais, leitura do cardápio da merenda, confecção de cartão para os aniversariantes do mês e leitura de instrução de jogos. Com isso, percebo que mesmo não estando alfabetizados compreendem a função social da escrita, verifico isso quando “dramatizam” a leitura desses materiais citados e de outros semelhantes.

Segundo Nucci “é preciso considerar sua história de letramento, os aspectos sociais e políticos desenvolvidos e também estabelecer um vínculo entre família e escola”. (NUCCI, 2001, p. 63)

A sociedade utiliza a escrita em todos os lugares e é através dessas práticas sociais que envolvem leitura e escrita que ocorrem mudanças nas relações entre os indivíduos. A construção do conhecimento não está no indivíduo, mas sim na convivência com o meio social, o sujeito é ativo e o professor é o mediador no processo de aprendizagem.

A alfabetização é parte do processo geral do letramento, que segundo Soares “é o resultado da ação de ensinar e aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES, 1998 apud LEITE, 2001, p. 30) Alfabetizar letrando é o desafio proposto ao professor. O ponto de partida e chegada é o texto, tanto falado como escrito, neste o aluno reflete sobre o que lê e escreve. Os textos utilizados podem

desencadear outros temas em que a escrita aparece com diversas funções sociais, enquanto entra em contato com outras áreas do conhecimento vai compreendendo como a escrita se organiza, deve-se usar textos diversificados permitindo dessa forma que o aluno internalize os diferentes gêneros textuais vinculados ao seu dia a dia.

Tanto Piaget como Vygotsky contribuíram através da psicologia, na área da educação. Para Piaget (1998) havia mediação no sentido de criar situações que gerem conflitos para o indivíduo e este avance na construção do conhecimento, porém estes conflitos devem ser relativos a sua faixa etária, pois a aprendizagem se dá por estágios de maturação, enfatiza a ação do sujeito com o objeto, portanto centra-se na criança.

Vygotsky (1998) afirma que esta relação existe, mas ocorre com a mediação do professor e do meio, ele identifica-se com Wallon em que as idéias de tudo que ocorre na cultura interferem na relação aprendizagem, este é um ponto importante que o diverge de Piaget (conhecimento de dentro para fora), Vygotsky (conhecimento de fora “meio” para dentro). Dentro de suas contribuições existem pontos comuns, ambos falam do sujeito ativo e não negam o fator biológico, ao ter contato com a escrita este é ativo: pensa, repensa, elabora, reelabora conceitos.

As pessoas não conceituam igualmente, pois são diferentes, isso significa que o professor deve pensar no aluno como participante do projeto pedagógico, as atividades propostas devem ser abertas para que o aluno pense e reelabore e o professor deve estar ouvindo-o e o incentivando a pensar.

Com relação à parte biológica Piaget diz que o ser passa por etapas de maturação e Vygotsky não negando o fator biológico, diz que as funções mentais superiores são genéticas mas para desenvolverem dependem de fatores sócio-culturais; desenvolveu assim sua pesquisa a respeito da ZDP (zona de desenvolvimento proximal), que é a distancia que existe entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial, isto é, entre o que a criança é capaz de realizar sozinha e aquilo que consegue fazer com ajuda do professor, ou alguém mais experiente.

O interessante na teoria de Vygotsky (1998) é quando diz que o caminho para o desenvolvimento do sujeito está aberto, pois sua cultura muda constantemente e também a respeito da intervenção pedagógica que é de fundamental importância no avanço do desenvolvimento.

Para Vygotsky a linguagem é a língua no sentido da fala com duas funções básicas: uma usada para troca de informações entre os seres e a outra o pensamento generalizante em que a língua tem a relação direta com o pensamento, isto é o grande salto qualitativo que diferencia o homem de outras espécies, isso quer dizer que o

homem é um ser consciente. (VYGOTSKY, 1998, p. 34)

Numa perspectiva crítica de alfabetização o processo de conscientização visa desvendar a realidade e desmascarar uma ideologia conservadora passada de geração a geração.

Somente o professor crítico será capaz de exercer o papel mediador num processo de alfabetização que tem por objetivo desenvolver a consciência crítica dos alunos, propondo atividades que levem a indagar o porquê dos fatos, suas conseqüências, suas relações com o seu cotidiano, é preciso que os alunos pratiquem o exercício da reflexão crítica da realidade social.

Esse mesmo cidadão poderá atuar na sociedade com maior segurança para se expor oralmente podendo assim lutar pelos seus direitos e para superação das injustiças sociais.

Vivemos numa sociedade que exige isso, uma situação plena em que o domínio do uso social da linguagem e escrita é necessário, essa mudança na alfabetização não só é esperada como imprescindível nos dias atuais. Infelizmente, ainda existem professores que ensinam seus alunos de forma descontextualizada de sua realidade.

Para um professor sair da condição de “apresentador de aulas” e conquistar, por um lado, um nível de profissionalismo condizente com as demandas que estão hoje colocadas, e por outro lado, o status de educador, ele precisará desenvolver sua capacidade de análise crítica. Isso implica exercícios de outras duas capacidades: a de refletir sobre a própria prática e a de “colocar-se no lugar do outro”, especialmente do aluno, buscando, tanto quanto possível, analisar as coisas a partir também da sua perspectiva.

Em uma escola orientada pela concepção construtivista e por um modelo de ensino por resolução de problemas, o aluno deve realizar as atividades propostas como consegue; pode errar; deve justificar o procedimento utilizado, em vez de apenas dar respostas esperadas; pode interagir com seus pares; não deve ter medo do professor; pode circular pelo espaço; deve expressar suas opiniões; pode contestar; normas incomuns na educação tradicional.

Infelizmente, muitos educadores equivocadamente ao tomarem a teoria construtivista como a solução para os problemas da alfabetização, acabaram por abandonar os alunos à própria sorte, através de uma prática espontaneísta.

O construtivismo não é um método de ensino e não traz receitas prontas, o mais importante é a mudança no olhar do professor, no que se refere à construção do conhecimento dos alunos, em especial ao que diz respeito à alfabetização.

Como diz Emília Ferreiro,

“(…) as mudanças necessárias para enfrentar sobre bases novas a alfabetização inicial não se resolvem com um novo método de ensino, nem com novos testes de prontidão, nem com novos materiais didáticos. É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu.” (FERREIRO,1986)

As pesquisas realizadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky em “A psicogênese da língua escrita” trouxeram ricas contribuições sobre o processo pelo qual o aluno passa para construir o sistema de escrita convencional, a análise das várias hipóteses de escrita, de acordo com as autoras, são idênticas em todas as crianças, independente de suas características sócio-histórico-cultural.

Embora os alunos de classe social privilegiada, por terem maior contato com o universo cultural, meios de comunicação, apresentem maior desempenho numa classe inicial de alfabetização em relação aos menos favorecidos, isso não é um empecilho para que estes também avancem na construção do conhecimento.

O professor deve proporcionar momentos que favoreçam o contato dos alunos menos favorecidos com materiais pedagógicos que estimulem os seus interesses pela linguagem oral e escrita, como por exemplo, leitura de diferentes gêneros textuais, aproveitando também esses momentos de leitura para que troquem conhecimentos com os demais alunos, avançando assim suas hipóteses a respeito da escrita.

Em minha prática realizo sempre com os alunos pesquisas sobre diferentes gêneros literários e montamos na sala painéis, classificando o tipo de gênero, esse trabalho envolve a todos sem distinção, pois cada aluno é responsável por realizar a sua pesquisa.

Cabe também ao professor oportunizar momentos de escrita espontânea, mesmo quando o aluno não sabe escrever convencionalmente, pois através de reflexão ele põe em jogo tudo o que sabe sobre a escrita: quantas letras irá usar, quais letras usar, comparar a sua escrita com a dos colegas, essa prática associada ao hábito diário da leitura, faz com que o aluno perceba que a escrita representa a fala e também que tudo o que se escreve pode-se ler, nesse sentido a intervenção do professor é fundamental no sentido de valorizar o que o aluno já sabe, nesse processo de aquisição de conhecimento o importante é que o aluno percebe a função social da escrita, isso faz a diferença entre

o ensino tradicional onde só eram fornecidos modelos prontos.

Segundo Barbosa “ Não se alfabetiza apenas fazendo as crianças juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal. (BARBOSA, 1984)

Em minha prática, nas salas de educação infantil, estimo sempre meus alunos a escreverem espontaneamente, no início sempre se recusam, mas no decorrer do ano o desenvolvimento deles é surpreendente, muitos saem alfabéticos da pré-escola. Observo o quão importante é o professor ter o conhecimento das teorias e o desejo de mudar a sua prática para melhorar a aprendizagem de seus alunos.

Acredito que o conhecimento e o desejo de mudança caminham juntos na arte de ensinar, na área da alfabetização não é diferente, pois envolve o saber e o significado, que correspondem respectivamente ao conhecimento e ao afeto, pois não é possível significado sem um elo afetivo, por este motivo acredito que há um elo indissociável entre a alfabetização e a afetividade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“... inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”.

Freire, 1996, p.59

Chegar ao final da construção desse memorial é uma vitória para mim, é uma conquista poder olhar para trás, e ver o quanto as teorias enriqueceram a minha prática pedagógica.

Acreditei, não desisti, foram três anos de luta, mas também de muito aprendizado, não me senti frustrada ou arrependida na escolha dos eixos norteadores, pois acredito verdadeiramente nas expressões dos sentimentos, para mover o desejo de aprender, persistir, insistir, errar, porém reconhecer o erro como parte na construção do conhecimento.

Autores como Vygotsky e Wallon, compreendem que cada sujeito é um ser único, sendo assim a educação também deveria ter seu cunho peculiar, não omitir-se, não reproduzir a sociedade capitalista, mas sim valorizar o que cada aluno traz impregnado na sua alma.

O professor deve tomar consciência de seu poder de transformação na sociedade através da constante ação/reflexão; para a construção de uma sociedade mais justa. O caminho para isso não é fácil, pelo contrário, é árduo, mas é preciso escolher o que fazer. Como diz Chauí,

“Nosso mundo, nossa vida e nosso presente formam um campo de condições e circunstâncias que não foram escolhidas por nós e em cujo interior nos movemos. No entanto, esse campo é temporal: teve um passado, tem um presente e terá um futuro, cujo vetores ou direções já podem ser percebidos ou mesmo adivinhados como possibilidades objetivas. Diante desse campo, poderíamos assumir duas atitudes: ou a ilusão de que somos livres para mudá-lo em qualquer direção que desejarmos, ou a resignação de que nada podemos fazer”. (CHAUÍ, 1998),

A superação do dilema entre o autoritarismo dos métodos tradicionais e o espontaneísmo das práticas que se pretendem renovadas demanda um raciocínio dialético, que enxergue as complexas relações de determinação recíproca que existem entre indivíduo e sociedade.

Encerro concluindo que tudo é possível ao professor que nutre e anseia pelo desejo de mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. R. S. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1999.
- ALVES, R. *Conversas para quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.
- ARROYO, M. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BARBOSA, A. M. *Aprendendo a ver*. São Paulo: MAC/USP, 1984.
- CHAUÍ, M. *Convite a filosofia*. 10 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CURY, A. J. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DANTAS, H. *A infância da razão, uma introdução à psicologia da inteligência de Henry Wallon*. São Paulo: Manole, 1990.
- DIDONET, V. A educação Infantil na nova LDB. In: *Revista Criança*, nº 27, p.15, 1994.
- FERREIRO, E. *A pré-escola e o processo de alfabetização*. Consultoria promovida pela coordenadoria de educação pré-escolar/COPRE/MEC-Belo Horizonte, 1986.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, P. *Política e educação: ensaios*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GALVÃO, I. *Henri Wallon: concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

GASPARIN, J. L. *Uma didática para a pedagogia histórico crítica*. Editora Autores Associados, 1990.

KLEIN, L. R. *Alfabetização: quem tem medo de ensinar*. 4ª edição. São Paulo: Cortez; Campo Grande: Editora da Universidade de Mato Grosso do Sul, 2002.

LEITE, S. A. da S. (org) *Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

LEITE, S. A. da S. e TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e mediação. In: AZZI, R. E SADALLA, A. M. F. (org) *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

MEIRELES, C. *Crônicas de Educação*. Obra em prosa, RJ: Nova Fronteira, 2001.

NUCCI, E. P. D. (2001) Alfabetizar letrando... Um desafio para o professor. In: SERGIO LEITE (org). *Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

PIAGET, J. *A psicologia da criança*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980

PIAGET, J. *Sobre a Pedagogia*. Trad. CLAUDIA BERLINER. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PIMENTA, S. G. Formação de Professores: saberes da docência e identidade do professor. *Revista da Educação*, nº 104, 1997.

SILVA, E. T. Desenjaulando sujeitos e palavras. In: SERGIO LEITE (org). *Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

TAILLE, Y, OLIVEIRA, M. K. e DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

TASSONI, E. C. M. *Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2000.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Org. Michael Cole. São Paulo, Martins Fontes, 1998.